



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS**

FERNANDA KARYNE DE OLIVEIRA

**(DES) CONSTRUINDO O SENTIDO: A COESÃO E A COERÊNCIA NO
HIPERCONTO MULTISSEMIÓTICO**

**CAMPINA GRANDE, PB
2017**

FERNANDA KARYNE DE OLIVEIRA

**(DES) CONSTRUINDO O SENTIDO: A COESÃO E A COERÊNCIA NO
HIPERCONTO MULTISSEMIÓTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito para obtenção
do título de Licenciatura em Letras.

Área de concentração: Leitura e Escrita

Orientadora: Prof.^a Ms. Amasile
Coelho Lisbôa da Costa Sousa

**CAMPINA GRANDE, PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48d Oliveira, Fernanda Karyne de.
(Des) construindo o sentido: a coesão e coerência no hiperconto multissemiótico [manuscrito] /
Fernanda Karyne de Oliveira. - 2017.
45 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Profa. Ma. Amasile Coelho Lisbôa da Costa Sousa , Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Hiperconto multissemiótico. 2. Hipertexto. 3. Coesão. 4. Coerência. 5. Literatura digital.

21. ed. CDD 372.4

FERNANDA KARYNE DE OLIVEIRA

(DES) CONSTRUINDO O SENTIDO: A COESÃO E A COERÊNCIA NO
HIPERCONTO MULTISSEMÍOTICO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba como requisito para obtenção
do título de Licenciatura Plena em
Letras.

Aprovada em: 15/10/2017

BANCA EXAMINADORA

Amacile Coelho L. C. Sousa

Pro^{fa} Ms. Amacile Coelho Lisboa da Costa Sousa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ana Lúcia Maria de Souza Neves

Prof^{dra} Ana Lúcia Maria de Souza Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Simone Dália de Gusmão Aranha

Prof^{dra} Dr^a Simone Dália de Gusmão Aranha
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe, por todo amor, sacrifício e entrega, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Por acreditar que toda conquista é fruto de um esforço coletivo gostaria de agradecer em especial a:

A Deus e a Nossa Senhora, Virgem da Luz, por terem me dado a vida e por me ajudarem a vivê-la, por estarem comigo sempre e em todos os momentos. Por serem meu refúgio e fortaleza, por terem permeado minha vida de bênçãos e de anjos disfarçados de pessoas. A eles, toda honra e glória, todo o agradecimento!

Ao meu pai e a minha mãe, por serem a expressão mais concreta do amor de Deus em minha vida. Obrigada pelos sacrifícios diários, pelas abdições, pelo carinho, amor e cuidados sem fim. Obrigada por terem feito de todas as sextas-feiras desses quatro anos um momento único de reencontro e de amor.

À Mayara, Mariegno e Luís Otávio por terem aberto as portas de sua casa para mim durante estes quatro anos. Obrigada por terem entendido minhas ausências e minhas faltas. Realizei este meu sonho também graças a vocês. Obrigada por tudo!

Ao IFPB Campus Picuí, por não somente ter me proporcionado uma formação tecnológica, muito mais que isso: ter me dado uma formação humanística, ter alargado meus horizontes, ter me proporcionado sonhar coisas que talvez jamais tivessem passado pela minha mente, se eu não estivesse lá.

Aos professores do IFPB Campus Picuí, por terem partilhado seus conhecimentos comigo durante os quatro anos mais impactantes de minha vida, por terem mostrado àquela menina que o passo para a concretização de um sonho é a vontade e o empenho em realizá-lo. Agradeço em especial às professoras Verônica Lacerda Arnaud, Débora Arnaud, Bárbara Lacerda Arnaud, Maria das Graças Negreiros, Fernanda Karoline, Fabíolla Rodrigues, Alba Fernandes, Hertha Cristina Carneiro Pessoa, Virna Lúcia Farias, Camila Famá, Veruska Avelino, Anna Aline e, por fim, a Denísia Almeida por ter sido e continuar sendo minha inspiração profissional.

À Universidade Estadual da Paraíba, por ter sido e continuar sendo minha casa. Pela acolhida e por ter me propiciado a melhor formação acadêmica.

À coordenação e ao Departamento do Curso de Letras e Artes do Campus I por toda disponibilidade e prontidão em resolver as minhas demandas. Estendo esse agradecimento também não só as coordenadoras e a chefia, mas também aos secretários, por toda disponibilidade e profissionalismo.

Aos professores do Curso de Letras Português da UEPB Campus I, por terem, cada um com suas particularidades, compartilhado comigo durante esses quatro anos seus conhecimentos. Agradeço cada discussão, problematização, indagação, indicação, sugestão.

Ao caso de Poesia, meus amigos, com quem dividi ao longo desses quatro anos a minha vida, os meus anseios, os meus sonhos. A amizade de vocês, Luciano, Ismênia, Otaiza, Bruno, Jailma e Raniele foi o combustível para que pudesse superar as adversidades, as saudades, os desânimos. Vocês são grandes presentes para mim! Amo vocês!

Aos Sobreviventes, Jailma, Bruno e Ismênia, que perseveraram comigo na turma de 2014.1. Dividimos muito mais contundentemente as angústias e os percalços acadêmicos. Nossa parceria durante todo esse tempo foi uma das responsáveis pela minha evolução acadêmica. Somos não só um caso de poesia, somos sobreviventes, somos um quarteto mais que fantástico!

À professora Ana Lúcia Maria de Souza Neves, por todo o incentivo, oportunidades, orientações, conselhos, por ter acreditado nos meus sonhos e ter, literalmente, sonhado ao meu lado. Sua competência e generosidade me permitiram ver a beleza e a importância da literatura. Agradeço também pela leitura deste trabalho final.

À professora Cléa Gurjão Carneiro, por ter me mostrado ao longo desses quatro anos que desistir nunca será a solução, mas sim sempre lutar por aquilo que se quer. Obrigada por ter me dado, ao longo desse tempo, verdadeiras aulas de vida. Sua garra e determinação me impulsionam a querer galgar sempre espaços mais altos.

À professora Simone Dália de Gusmão Aranha, por ter me proporcionado realizar mais um sonho! Vamos juntas para mais um desafio! Agradeço todos os conhecimentos partilhados durante a graduação! Obrigada também pela leitura deste trabalho!

Por fim, mas nem por isso menos importante, à professora Amasile Sousa, por ter acreditado em mim desde o início do curso. Obrigada pelas orientações, pela confiança, pela amizade construída ao longo desses anos, por ser uma referência profissional para mim. Obrigada verdadeiramente por ter conduzido as orientações deste trabalho final.

*Não é fácil perceber as coisas pelo meio,
E não de cima para baixo,
Da esquerda para direita ou inversamente:
Tentem e verão que tudo muda.
(Gilles Deleuze e Félix Guattari – Mil Platôs)*

RESUMO

O presente trabalho objetiva estudar o papel dos *links* na construção dos processos de coesão e coerência no Hiperconto Multissemiótico. Para tanto, o procedimento metodológico utilizado neste estudo foi o levantamento bibliográfico, apoiado, principalmente, nos pressupostos teóricos de GOMES (2007, 2011), HISSA (2009), KOCH, (1990), ROJO (2013), KOCH E TRAVAGLIA (1993). O *corpus* adotado pela pesquisa foi o Hiperconto Multissemiótico escrito por Marcelo Spalding, intitulado “Um estudo em Vermelho” (2009). Desta forma, foram utilizados prints para sua análise, referentes ao percurso de leitura realizado pela pesquisadora. O hiperconto analisado pode ser considerado um hipertexto, pois se constrói a partir da interatividade entre leitor e texto, além de sua estrutura permitir a criação de diferentes percursos de leitura. O gênero em questão é fruto do movimento em defesa da literatura digital, entendida como uma literatura que tira proveito dos recursos do ciberespaço para potencializar a narrativa, agregando a ela múltiplas linguagens. Percebeu-se por meio desta análise que os *links* dispostos na narrativa digital possuem funções estruturais e discursivas bem delineadas, sendo responsáveis pela construção do sentido no texto. Ademais, também foi visto que eles atuam como elementos coesivos, sendo responsáveis tanto pelo processo de coesão referencial quanto pelo processo de coesão sequencial, haja vista que no texto hipertextual, os fatores de textualidade se manifestam de maneira diferente, devido ao contexto de produção em que estão inseridos, influenciados, sobretudo, pelo suporte em que estão portados. Também foi visto nesta análise que o processo de coerência se constrói de maneira diferente, a partir de uma interatividade explícita, já que o Hiperconto Multissemiótico é fruto de um processo de leitura/escritura, pois à medida que está sendo lido, também está sendo coproduzido por um leitor/escritor. Concluiu-se ao final deste trabalho, que na narrativa digital, em específico no Hiperconto Multissemiótico selecionado, os *links* têm um importante papel para sua construção, pois são os responsáveis tanto pela manutenção da coesão quanto da coerência, permitindo a partir ou não de seus acionamentos, diferentes percursos de leitura, desempenhando também outras funções estruturais e discursivas.

Palavras-Chave: Coesão. Coerência. *Links*. Hiperconto Multissemiótico.

ABSTRACT

The present paper aims to study the role of links in building processes of cohesion and coherence in multisemiotic hyper tale. Therefore, the methodological procedure used in this study was the bibliographic survey, mainly, based on theoretical supports from GOMES (2007, 2011), HISSA (2009), KOCH, (1990), ROJO (2013), TRAVAGLIA E KOCH (1993). The *corpus* studied by the research was the multisemiotic hyper tale “*Um estudo em vermelho*” (2009), written by Marcelo Spalding. The analyzed hipertale can be considered a hypertext because it is constructed from the interactivity between the reader and the text, besides its structure permits the creation of different reading routes. The genre in question is a resulted from the digital literature defense movement, understood as a literature that takes advantage of the cyberspace resources to potentialize the narrative, giving it multiple languages. It was possible to realize through this research that the links arranged in the digital narrative have well delineated structural and discursive functions, responsible for the meaning construction in the text. Moreover, it was also possible to verify that they act as cohesive elements, responsible for both processes of referential cohesion and sequential cohesion, considering that the textuality elements express themselves differently, due the context of production they are in, influenced, above all, by the support they are ported. This analysis also evidenced that the coherence process is constructed differently, from an explicit interactivity, as the multisemiotic hyper tale is resulted from a reading/writing process, because as it is being read, it is also being coproduced by reader/writer. In the end of this work, it was possible to conclude, that the digital narrative, specifically in the selected multisemiotic hyper tale, the links have an important role to its construction because they are responsible for both maintenance of cohesion and coherence, permitting or not from their uses, different reading routes, also performing other structural and discursive functions.

Key-words: Cohesion. Coherence. Links. Multisemiotic hyper tale.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Interface inicial	30
Figura 2: Interface dois	33
Figura 3: Interface três	34
Figura 4: Interface quatro	36
Figura 5: Interface cinco	37
Figura 6: Interface seis	38
Figura 7: Interface sete	39
Figura 8: Interface oito	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 DO TEXTO AO HIPERTEXTO: CONCEITOS (IN)DEFINIDOS	14
2.1 Texto e Hipertexto	14
2.2 Sobre os fatores de textualidade	16
2.3 Histórico do Hipertexto	18
3 LINK: O ELEMENTO CONSTITUTIVO DO HIPERTEXTO	21
3.1 A retórica dos <i>links</i>	21
3.2 Por uma classificação dos <i>links</i>	22
4 O GÊNERO HIPERCONTO MULTISSEMIÓTICO	25
4.1 Leitura e produção do gênero Hiperconto Multissemiótico	25
5 ANALISANDO O CORPUS	27
5.1 A coesão e a coerência no Hiperconto Multissemiótico “Um estudo em vermelho” (2009): implicações para a construção do sentido	27
6 CONCLUSÃO	42
7 REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) redesenharam as práticas sociais contemporâneas e delinearão novos espaços de convivência e de interação. Vivemos a chamada era da “modernidade líquida” marcada, sobretudo, pela fluidez das coisas, estas que “não conseguem manter a forma por muito tempo” (BAUMAN, 2005 p. 57). A liquidez dos tempos propiciou mudanças rápidas, constantes, que obrigaram os sujeitos sociais a engendramos diferentes estratégias com o objetivo de se adequarem a essas mudanças propiciadas pela fluidez dos tempos. Assim, não é equivocado pensarmos que as mudanças históricas e sociais foram e são mediadas pelo advento das TDIC, da internet, da informação bilatelarizada, disponibilizada na rede. Tudo isso aponta para transformações do que é aprender, saber e fazer coisas na modernidade.

Nesse contexto marcado por intensas mudanças, podemos dizer que as questões relacionadas à leitura e à escrita também sofreram transformações. A comunicação mediada pela tecnologia provoca mudanças em nossa maneira de ler e escrever. Essas mudanças surgem pela necessidade de utilizar os recursos do meio digital. Linguagens que antes eram periféricas tornam-se salientes e, em muitos casos, são as protagonistas em eventos comunicativos, como é o caso de imagens fixas ou em movimento, destacando outras áreas como o *design*, sobretudo, a programação visual (GOMES, 2007).

Imersos nesse universo propício ao surgimento de novas práticas, neste caso, de leitura e escrita, surgem novas roupagens para a matéria textual, que passa do estágio estritamente linguístico para o estágio semiótico, multimodal, interativo, e, virtual. Assim, não falamos apenas em texto, mas sim em “hipertexto”. O conceito é amplamente estudado por outras áreas, mas é do nosso interesse discutir o conceito pelo viés linguístico, principalmente, questões relacionadas à textualidade, ressaltando também a importância de incorporar essas mudanças no trabalho com o texto na escola.

Desse modo, é possível definirmos o hipertexto como um texto exclusivamente virtual que possui a presença de *links*, capazes de mobilizar diferentes recursos semióticos e gráficos e servir como pontes para outros textos (GOMES, 2007), permitindo diferentes percursos de leitura, conferindo autonomia ao leitor durante o ato de ler. Os *links* são entendidos como elementos constitutivos e principais da matéria hipertextual, pois estes propiciam diferentes relações de sentido, de acordo com a forma

e a posição em que estão inseridos. Outrossim, suas funções estruturais e discursivas dependem do papel que desempenham no hipertexto. Toda esta situação nos permite observar de que forma se dão os fatores de textualidade, especificamente a coesão e coerência.

Diante das constantes ressignificações sofridas pelo texto, bem como de sua potencialização pelos recursos hipermidiáticos, temos o Hiperconto Multissemiótico. Considerado como um gênero da literatura digital (MESTRE, 2017), o gênero em questão denomina-se hiperconto pelo fato de ser um conto para era digital que se utiliza das ferramentas tecnológicas para potencializar a narrativa (SPALDING, 2009). O Hiperconto Multissemiótico apresenta-se como um hipertexto, pois é construído a partir da interatividade entre o leitor e o texto digital, permitindo diferentes percursos de leitura, além da criação de novas histórias, mediante a escolha dos *links* clicados (ou não) (Santaella *apud* SIGNORINI, 2008).

Impulsionados pelo seguinte questionamento: de que forma os *links* atuam nos processos de coesão e coerência no Hiperconto Multissemiótico?, e, no intuito de respondermos a questão levantada, objetivamos com este trabalho, estudar o papel dos *links* na construção dos processos de coesão e coerência no Hiperconto Multissemiótico. No intento de alcançarmos o referido objetivo, traçamos os seguintes objetivos específicos: 1) Investigar a natureza dos *links*, no que diz respeito as suas funções estruturais e discursivas 2) Avaliar quais as contribuições dadas pelos *links* no processo de coesão no Hiperconto Multissemiótico; 3) Compreender como a participação do leitor influencia no processo de coerência do Hiperconto Multissemiótico.

Metodologicamente, de início, realizamos um levantamento bibliográfico de forma a nos subsidiar na elucidação das reflexões apresentadas, dentre os quais destacamos GOMES (2007, 2011), HISSA (2009), KOCH, (1990), ROJO (2013), KOCH E TRAVAGLIA (1993), entre outros. Em seguida, escolhemos o *corpus* da nossa pesquisa, constituído de um Hiperconto Multissemiótico intitulado “Um Estudo em vermelho” (2009), escrito por Marcelo Spalding.

O texto em questão faz parte de um movimento intitulado “Literatura Digital”, que tem início com a defesa da Tese do professor Marcelo Spalding intitulada “Alice do livro impresso ao *e-book*: adaptação de *Alice no País das Maravilhas* e de *Através do Espelho para *ipad**” (2012), apresentada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, visando à promoção da Literatura Digital.

A construção do Hiperconto Multissemiótico “Um Estudo em Vermelho” se dá nas respostas aos e-mails trocados entre personagem principal, detetive Mr. Dupin, e o lator¹. A solução do caso perpassa necessariamente pela troca de mensagens pelo correio eletrônico, já que o personagem inspirado pela obra de Conan Doyle necessita colher informações da pessoa que solicitou seus serviços para solução do caso.

Com base no exposto, organizamos o presente estudo em quatro capítulos. No primeiro capítulo, discutimos as concepções de texto e hipertexto, em seguida, explicitamos os fatores de textualidade nas materialidades textuais, destacando, sobretudo, a coesão e a coerência, ainda, enfatizamos o histórico do Hipertexto. No segundo capítulo, dissertamos a respeito dos *links*, mostrando a retórica e sua classificação. No terceiro capítulo, falamos da leitura e elaboração do Hiperconto. No quarto e último capítulo, dedicado à análise, nos debruçamos sobre o corpus escolhido, o Hiperconto “Um estudo em Vermelho” (2009), para entendermos como são construídos os fatores de textualidade já mencionados, o papel dos *links* no estabelecimento desses fatores e a participação do leitor nesta construção.

¹ Denominação criada por Rojo (2013), para designar o leitor/usuário que, na web 2.0, tem a oportunidade de realizar simultaneamente os processos de leitura e escrita.

2 DO TEXTO AO HIPERTEXTO: CONCEITOS (IN)DEFINIDOS

2.1 Texto e Hipertexto

Amplamente discutido nos estudos propostos pela Linguística Textual, e, ainda, sem uma definição satisfatória, a conceptualização de texto vem sofrendo mudanças, ressignificações, muito pelas demandas sociocomunicativas exigidas pela sociedade contemporânea. De acordo com Ribeiro (2016), os textos mudam ao longo da história, sua composição, seu modo de fazer, as práticas de leitura em que estão envolvidos.

A ruptura com a lógica do texto, de seguir uma linearidade para ser compreendido, revela a autonomia das partes com relação ao todo, que o configura como uma percepção da interconectividade capaz de romper com o modelo de hierarquia, centralização, liderança etc. O abandono desse centro regulador ao texto fomenta a perspectiva de pensar modelos de auto-organização como organismos dinâmicos, que promovem suas ações baseadas em princípios emergentes ou sistêmicos, como o hipertexto (NORJOSA, 2012, p. 76).

Gomes (2011) entende o hipertexto como um texto exclusivamente virtual tendo como elemento central os *links*. Já Xavier (2004), o define como uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, capaz de condicionar e acondicionar outras formas de textualidade. Braga (2005) diz que o hipertexto surge como uma alternativa mais eficiente para a comunicação no meio digital, o que minimiza os limites impostos pela tela e exploram suas funcionalidades e suas possibilidades de construção através do uso de *links*, integração de várias linguagens, tudo isto favorecido pelos programas que permitem a edição do texto, da imagem e do som:

Um texto elástico, que se estende reticularmente conforme as escolhas feitas pelo leitor, possibilitando-lhe escolher a sequência do material a ser lido. É ele quem determina os caminhos para a construção de um sentido. Pode-se dizer que o hipertexto “pergunta ao leitor o que deseja ler depois” (KOCH, 2007, p. 28).

É importante destacarmos algumas de suas principais características como a intertextualidade (diálogo através dos *links*), não linearidade (ausência de foco dominante na leitura), volatilidade (essencialmente virtual), fragmentaridade (brevidade nas escolhas retornos/fugas) espacialidade topográfica (limites indefinidos) iteratividade (entrelaçamento de linguagem verbal e não verbal).

No hipertexto, percebemos que as fronteiras entre leitor e escritor foram dissolvidas e os laços foram estreitados, pois o leitor-navegador pode ser também um

produtor, agora assume uma postura ativa e não passiva, escolhe seus itinerantes de navegação e escreve também naquilo que lê, formando assim o leitor (ROJO, 2013).

O leitor constrói o percurso da sua leitura em rede, e é o responsável pela atualização, pela marcação de coisas importantes, e, por produzir sentido. Ao se falar em leitor, entende-se que houve uma alteração protocolar nos processos de leitura e escrita. A própria característica da internet que articula espaços de informação, concomitante a espaços de produção, promove além da negociação de significados, a possibilidade de construção destes. A leitura do hipertexto exige novas habilidades, em que não se basta somente ler, mas é preciso, sobretudo, produzir, construir, estabelecer relações, fazer sentido:

Nesse processo, cada leitura do hipertexto é uma leitura diferente, porque, dificilmente, o texto se mostrará duas vezes da mesma forma ao leitor. O texto atualizado é um evento e as condições em que ocorre são irrepetíveis. Se o autor sugere os *links*, cabe ao leitor do hipertexto aceitar ou não as associações propostas sempre de acordo com o pretendido e reclamar por novas associações, já que o autor do hipertexto propõe alguns *links*, mas não todos os *links* possíveis (KOCH, 2007, p. 27).

É possível estabelecer relações entre este leitor e o leitor descrito pelo historiador francês que diz que estes “são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los” (CERTEAU, 2011, p.245). A metáfora proposta pelo autor credibiliza a metáfora hipertextual, ao passo que se pensa o hipertexto como sendo este texto construído pelo leitor, que mesmo desconhecendo seus caminhos, opta por traçá-los, tendo a possibilidade de traçar inúmeros percursos, e construir, a cada leitura/escrita, um novo hipertexto.

Há, então, a instauração de um novo contexto produtivo favorecido pela sociedade marcada por prefixos (hiper, multi, pluri, entre outros) que favorece o metamorfoseamento da produção escrita e do ato da leitura, tornando-os também prefixais. Fala-se agora em leitura e escrita hipertextuais. Consideramos também que este metamorfoseamento pode e deve chegar às questões relacionadas ao ensino, haja vista que este demanda não só novas posturas por parte do professor, como também por parte do aluno.

A incorporação de semioses, a interatividade e a colaboratividade são marcas que delineiam a (re)configuração desses processos. O acréscimo de ícones, símbolos, *gifs* e *links* ajudaram no processo de legitimação desta mudança, contribuindo, inclusive

no surgimento de novos gêneros digitais e também nas mudanças dos papéis assumidos pelos sujeitos sociais, que além de leitores e escritores, tornam-se autores, já que realizam simultaneamente os processos.

2.2 Sobre os fatores de textualidade

A linguística textual surge nos anos 60, na Europa, ganhando projeção a partir dos anos 70. Sua principal preocupação é descrever os fenômenos sintático-semânticos ocorrentes entre enunciados ou sequências de enunciados, alguns deles, da frase (KOCH, 1993), ou seja, entender como o texto se constitui texto. É necessário que definamos alguns conceitos como texto e textualidade para que melhor compreendamos as peculiaridades do hipertexto, do ponto de vista linguístico.

Costa Val (1991) define o texto como uma unidade de linguagem em uso cumprindo uma função identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa. Já Koch (2007), conceitua texto como uma manifestação constituída de elementos linguísticos intencionalmente selecionados e ordenados em sequência, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais.

Para Koch e Travaglia (1993), o que faz um texto ser um texto e não um amontoado aleatório de frases ou palavras, uma unidade significativa dotada de significado, é a textualidade ou textura, “por meio do estabelecimento dos critérios de textualidade e do processamento cognitivo do texto” (KOCH, 1990, p.12). Os critérios de textualidade centrados no texto são a coesão e a coerência, já os centrados no usuário são a informatividade, a situacionalidade, a intertextualidade, a intencionalidade e a aceitabilidade (KOCH, 1990).

A concepção sociointeracionista de texto, de acordo com as perspectivas supracitadas, constitui-se como um evento interativo, que se estabelece na e pela interação. Igualmente, sobre essas bases, podemos considerar o hipertexto como um evento textual-interativo, com especificidades próprias, a exemplo da utilização de *links*. Ao propormos esta relação, necessitamos expor os critérios de textualidade e ver quais cabem ao hipertexto.

Começemos pelos critérios centrados no texto: coesão e coerência. Para a linguista, a coesão se revela através de marcas linguísticas na estrutura superficial do

texto, estabelecendo um caráter linear, sendo também uma referência semântica entre um elemento e outro dentro do texto (KOCH, 1990). Para tanto, existem seis tipos de coesão textual: referencial, por substituição, por elipse, por conjunção, coesão lexical e sequencial.

A coesão referencial pode ser endofórica ou exofórica. A referência exofórica ocorre quando o referente está fora do texto, e a endofórica quando o elemento encontra-se dentro do texto. Podemos subdividir a coesão endofórica em anafórica e catafórica. A primeira acontece quando um item retoma um signo do próprio texto, já a segunda, quando antecipa um item que ainda não está expresso no texto.

A substituição consiste na colocação de um item no lugar de outro; a elipse, por sua vez, seria o apagamento de um item, um sintagma ou até mesmo uma oração, sendo recuperáveis pelo contexto; a conjunção é o estabelecimento de relações de significados expressivos entre elementos ou orações do texto; a coesão lexical se dá pela reiteração e pela colocação que são, respectivamente, pela mesma repetição de um item lexical e por termos pertencentes a um mesmo campo significativo (KOCH, 1990). Outra grande modalidade da coesão textual é a coesão sequencial que diz respeito aos procedimentos linguísticos responsáveis pelo estabelecimento de diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, fazendo com que o texto progrida (KOCH, 1990).

Além da coesão existe outro fator de textualidade centrado no texto: a coerência. Para a autora, a coerência tem haver com uma boa formação do texto em termos de interlocução comunicativa. É preciso que entendamos que

A coerência é semântica, porque é a capacidade do texto de agir como unidade, remetendo um sentido global; é pragmática, porque o sentido depende da intenção comunicativa e é sintática, porque pode ser recuperada a partir da sequencia linguística que constitui o texto. A coerência para ele é não só uma propriedade do texto, mas também um processo em que não é possível estabelecer uma diferença marcante entre os níveis pragmático, semântico e sintático (KOCH, 1990, p.19).

Como a coesão, a coerência também pode ser dividida em quatro tipos: semântica, sintática, estilística e pragmática. A coerência semântica diz respeito à relação de significados dos elementos da frase em sequência de um texto; a coesão sintática refere-se a meios sintáticos para expressar a coerência semântica; a coerência estilística tem haver com o estilo utilizado pelo usuário; a coerência pragmática tem relação à teoria dos atos de fala (KOCH, 1990).

Entendemos a coerência como algo que está além da superfície linguística do texto, é, pois, algo muito mais profunda, não linear, que não é marcada somente na superfície textual. É então algo que se estabelece na interação, numa situação comunicativa entre dois ou mais usuários. Para Koch (1990), ela é a possibilidade de estabelecimento, no texto de alguma forma de unidade ou relação.

No que diz respeito aos critérios centrados no usuário, temos a situacionalidade, esta que se refere ao conjunto de fatores que fazem com que um texto seja relevante, numa situação comunicativa em curso ou passível de reconstituição. A intencionalidade, por sua vez, em seu sentido restrito trata da intenção do emissor de produzir uma mensagem que seja coesa e coerente, mesmo que isso não aconteça plenamente, haja vista as situações comunicativas forjadas, podendo ou não estes fatores serem flexibilizados, dependendo dos sentidos que este queira produzir. A aceitabilidade consiste na aceitação da mensagem linguística pelo receptor de forma coerente e coesiva, tendo para ele relevância comunicativa. E, por fim, a intertextualidade, que diz respeito à relação estabelecida entre textos (KOCH, 1990).

De acordo com Koch (2005), por ser também um texto, o hipertexto também pode estar sujeito às mesmas condições básicas de textualidade, desde que estas sejam entendidas, como princípios de acesso e não de boa formação textual. Vale ressaltar, que diferentemente do texto “normal”, ele requer outras estratégias de construção, que se diferenciam, sobretudo, pelo suporte utilizado. Os fatores de textualidade acima mencionados podem ou não manifestar-se no hipertexto, pois, como ressaltamos anteriormente, tais fatores dependerão, pois, da forma de sua construção. A análise mais adiante demonstrará de que forma os critérios centrados no texto se constituem, não impedindo a elucidação dos fatores centrados no usuário, já que aqueles dependem destes para seu entendimento.

2.3 Histórico do Hipertexto

Os primeiros esboços para adoção do sistema hipertextual conhecido hoje, começaram no século XIX, aproximadamente no ano de 1876, com Melvil Dewey, um bibliotecário norte-americano que publicou uma obra, considerada revolucionária, para o sistema de bibliotecas, conhecido como a Classificação Decimal de Dewey. O CDD era um sistema hierárquico de classificação que dividia em 10 partes as áreas do conhecimento. Ressaltando que, apesar da adoção desse método, a informação ainda era disposta de forma linear e impressa.

Continuando o percurso histórico do hipertexto, temos o físico e matemático Vannevar Bush que percebeu a quantidade de informações que o ser humano tinha para gerenciar e vislumbrou a tecnologia como ferramenta auxiliar para esse gerenciamento. No ano de 1945, escreveu um artigo que dizia que a mente humana não se organizava e nem pensava linearmente, mas funcionava por meio de associações não lineares. Assim, propôs um dispositivo mecânico, anterior ao computador, uma mistura de microfilme e celulafotoelétrica, capaz de organizar os conteúdos não hierarquicamente, permitindo o acesso de forma não linear. A este dispositivo deu o nome de MEMEX (GOMES, 2011).

O dispositivo tinha, entre outras vantagens, a capacidade da criação de *links* entre outros documentos, o que inaugurava uma nova forma de indexação e de acesso aos conteúdos. A respeito do sistema criado pelo físico norte-americano e seus avanços em relação à obra do bibliotecário:

A inovação estava no fato de que a indexação não era uma relação externa ao pesquisador, como a de Dewey, que classifica as obras de acordo com áreas de conhecimento. Bush ainda foi além: ele propôs não apenas o acesso não hierárquico às obras de classificação (ligação) pessoal e particular, mas intervenção nelas, a ponto do pesquisador poder alterar ou comentar seu conteúdo! Ao fazer isso, ele antecipou os questionamentos teóricos que vieram depois sobre o conceito de autoria, sobre a natureza da interação entre leitor-autor-texto e, claro, sobre a questão da linearidade dos textos como uma característica fundamental da coerência (GOMES, 2011, p.18).

O hipertexto baseado em computador surge nos anos 1960 com o pesquisador norte-americano Theodor Holm Nelson para designar sistemas textuais deslinearizados, ou seja, escritas eletrônicas não padronizadas, ou seja, um trecho de texto verbal ou pictórico interconectado com inúmeros outros trechos, por meio de *links*, de forma complexa, isto é, não linear, que não pode ser representado de modo conveniente de forma impressa (GOMES, 2011).

Ao coordenar, juntamente com outro pesquisador, o projeto Xanadu, primeiro sistema hipertextual colocado em prática, funcionando em uma universidade norte-americana, publicou uma obra que dava orientações para um trabalho com leitura e produção de textos hipertextuais. Mas, os ideais de Nelson só foram verdadeiramente alcançados com o advento da *web 2.0*, momento em que o leitor também tem a oportunidade de ser produtor de conteúdo na internet.

Também Douglas Engelbart, especialista no uso de radares, teve a ideia de trabalhar com computadores que ampliassem o intelecto humano. Inspirado em Nelson,

publicou no ano de 1962 o artigo “Argumentation” (ato ou processo de argumentar). No artigo, já apresentava os conceitos de *mouse* e o das janelas, ideias mais tarde aproveitadas por Bill Gates (GOMES 2007).

E por fim, cabe destacarmos a contribuição de Tim Bernes-Lee, pesquisador da CERN, um laboratório de pesquisa sediado na Suíça, que propôs em 1989 a *World Wide Web* (w.w.w). A *web* nasceu em 1981 e é o paradigma hipertextual, pois possui uma interface gráfica capaz de ligar todas as páginas existentes por meio dos mais diversificados ícones.

Não é equivocado pensarmos a web como um grande hipertexto aberto que permite sucessivas ligações entre as páginas, caracterizando-se também como descentralizada, pois não há uma sede, não hierárquica, pois não há um proprietário da rede, mas sim usuários que contribuem, produzindo e disponibilizando material na rede.

3 LINK: O ELEMENTO CONSTITUTIVO DO HIPERTEXTO

3.1 A retórica dos *links*

Muito mais do que meros elementos de conexão a textos internos e externos, os *links* fazem parte da organização retórica e discursiva do hipertexto. Essas próprias conexões mencionadas já estabelecem relações de sentido como aprofundar assuntos, levar-nos para outros assuntos que estabeleçam relação com a temática anterior em outras abas, ter acesso a outros exemplos de mesma natureza ou diferentes etc.

É possível dizer que os *links* assumem uma função dêitica, de forma endofórica, quando levarem a documentos ou partes do próprio documento e, de forma exofórica, quando abrirem textos que estão fora do documento de origem (GOMES, 2011). Para Koch:

os *links* são dotados de função dêitica pelo fato de monitorarem a atenção do leitor no sentido da seleção de focos de atenção, permitindo-lhe não só produzir uma leitura mais aprofundada e rica em pormenores sobre o tópico em curso, como também cercar determinado problema por vários ângulos, já que remetem sempre a outros textos que tratam de um mesmo tópico, complementando-se, reafirmando-se ou mesmo contradizendo-se uns aos outros (KOCH, 2007, p.27).

Além da função dêitica, também podem funcionar como conectivos lógicos, elementos coesivos que orientam os rumos da leitura do leitor. Ao assumirem essa configuração, permitirão tomadas e retomadas, conforme a necessidade e o objetivo da leitura realizada. Xavier (*apud* KOCH, 2007) salienta a função coesiva do *link*, justamente, por dizer que ele funciona como a “solda” entre peças esparsas, de maneira coerente.

Do ponto de vista da coerência, dizemos que os *links* funcionam como um “encapsulador” de cargas de sentido cabe ao produtor proceder a uma construção estratégica dos hiperlinks, de maneira que eles sejam capazes de acionar modelos como frames, scripts, esquemas etc (KOCH, 2007).

Storrer (*apud* KOCH, 2007) diz que o hipertexto disponibiliza suportes espaciais para construção da coerência como os suportes de orientação, que ajudam o leitor a construir um modelo mental de estrutura do hipertexto que está sendo lido, o suporte de contextualização global, responsável por estabelecer o valor funcional e temático do módulo, o que facilita a construção da coerência global, e os suportes de contextualização local que deixam explícitos os módulos acessíveis, a partir do módulo

que está sendo acessado, auxiliando no caminho a ser percorrido e na construção da coerência entre os módulos que estão estabelecendo relação.

Compreendemos, desta maneira, que os *links* são muito mais que elementos pré-dispostos ao clique, nem tão pouco estão colocados nos hipertextos de forma aleatória, de maneira desprezível, mas sim exercem um forte valor discursivo, haja vista que são responsáveis pela construção do sentido do texto, pelas associações semânticas que são capazes de propiciar, por meio de diferentes papéis que podem assumir mediante a forma como estão dispostos na interface.

3.2 Por uma classificação dos *links*

É notório que as tecnologias mudaram os processos de ler e redefiniram alguns papéis, como o do autor, do leitor e do próprio texto. O mundo nos é colocado de forma diferente do que algumas décadas atrás, e são por essas novas formas de ver o mundo que não podemos pensar que o sentido encontra-se apenas nas palavras e esquecer que o sentido também está no som, na imagem, no gráfico, nos *links* e o hipertexto permite que percebamos concretamente como se dá essa negociação de sentidos.

A respeito dos *links*, a leitura do hipertexto se realiza efetivamente quando eles são clicados (ou não), daí a sua importância. Os *links* “alteram o modo como os documentos são acessados e também o modo como podem ser compreendidos, propiciando o estabelecimento de diferentes relações de sentido” (GOMES, 2011, p. 21). É importante ressaltarmos que além de um elemento de navegação, os *links* podem funcionar como elementos de coesão e de coerência, tornando-se um elemento estrutural central que diferencia o hipertexto de um texto simplesmente digital ou digitalizado:

Os *links* funcionam, portanto, como portas de entrada para outros espaços, visto que remetem o leitor a outros textos virtuais que vão incrementar a leitura. Cada um desses textos, uma vez atualizado, torna-se, por alguns instantes, centro de atenção do leitor, para, logo em seguida, descentralizar-se no momento da atualização de outro(s) texto(s) da rede (KOCH, 200, p.27).

Sobre a classificação dos *links*, temos a proposta por Hissa (2009) e a de Gomes (2011), fruto da adaptação da primeira classificação mencionada. Hissa (2009) propôs a seguinte classificação: segundo a morfologia (forma) do *link*, podendo ser textual ou gráfico. O *link* textual corresponde à âncora² que pode ser sublinhada, possui cor ou formatação diferente, ou seja, algo que lhe confira destaque. O *link* gráfico corresponde

² Gomes (2011) admite que a âncora seja a porção visível para o clique e ativação do *link*.

a âncoras que sejam ícones, gráficos ou qualquer outra semiose, que não as formas nominais.

A segunda classificação proposta pela autora diz respeito ao lugar de conexão. Quanto a isto, os *links* podem ser internos, quando conectam para documentos dentro do próprio hipertexto, e externos, quando os *links* conectam a um texto ou a um documento que não fazem parte do hipertexto.

A terceira classificação leva em consideração o tipo de percurso que os *links* oferecem ao usuário, podendo ser lineares ou não lineares. O *link* linear permite uma leitura linear, em um modelo de hipertexto sequencial, já o *link* não linear oportuniza uma leitura não sequencial, formados de hipertextos genuinamente da web.

A quarta classificação diz sobre a localização dos *links* na *web page*, podendo ser implicado, quando é parte do texto ou da imagem, fazem parte da própria informação e superposto quando costumam estar explícitos na página.

A quinta classificação refere-se ao modo de permutação de páginas ou documentos web, sendo *links* de superposição ou de substituição. O de superposição são os nós que compartilham a mesma janela, e o de substituição substitui o nó de início.

A sexta classificação observa os *links* segundo sua apresentação na tela, subdividindo-os em quatro tipos: ativo, visitado, predeterminado e quebrado. Sobre o *link* ativo, são selecionados em um explorador web, os visitados são indicados por cores específicas, os quebrados, sinalizam arquivos não encontrados e os predeterminados são os *links* que levam para outro nó mesmo que não haja no local do clique nenhuma zona ativa que indique a presença de um *link*.

A Sétima classificação trata do comportamento dos *links*, classificando-os como móveis ou fixos. Os móveis flutuam na página, já os fixos possuem um espaço constante e delimitado.

A antepenúltima classificação observa o acréscimo de informação dado pelo *link*, também o subdividindo em quatro tipos: expansão, de referência, nota informativa, trajetória e mapas. A primeira subdivisão referente à antepenúltima classificação que diz respeito aos *links* que se dão como uma espécie de sumário, a segunda subdivisão são *links* que levam a outra página ou outra seção da mesma página. O *link* como nota informativa permite a abertura de uma janela por tempo pré-estabelecido, que se fecha ao final do propósito querido. O *link* de trajetória são aqueles que estabelecem percursos e o *link* de mapas, apresentam mapas para facilitar a navegação.

A penúltima classificação considera a função que os *links* executam, o subdividindo-o novamente em três tipos: navegacional, que orienta o trajeto da leitura; informacional, que relaciona informações e de realce, que favorece um panorama mais detalhado das informações disponibilizadas no *link*.

A última classificação opta por ver o tipo de relação estabelecido pelos nós. Na última classificação, considera-se que os *links* podem ser semânticos, sendo referenciais e associativos e estruturais. Nos semânticos, os referenciais estabelecem referências e os associativos, associações. Já o estrutural, conecta os nós que possuem uma relação de composição.

A classificação de Gomes (2011) é uma adaptação da classificação já mostrada acima. Segue a classificação proposta pelo autor: segundo as macrofunções semânticas e organizacionais, o autor considera os *links* semânticos e os *links* estruturais. Quanto à forma e o visual do *link*, ele considera os *links* textuais e gráficos. Em relação ao lugar de conexão, admite os *links* como sendo internos e externos. Observando também o tipo de percurso que oferecem ao usuário, ele também classifica o *link* como linear e não linear. Com relação à localização deles no documento, também são classificados como superpostos e implicados. E, por fim, em relação ao modo e troca de páginas ou documentos web, vê os *links* como de substituição e de superposição.

Mediante o exposto, diante das classificações e funções estruturais que os *links* podem desempenhar, compreendemos que a principal novidade no texto hipertextual diferenciando-o do texto impresso é justamente a inserção de *links* que podem assumir diferentes configurações como também propiciar deslocamentos ágeis para os outros textos. Classificá-los nos permite entender a importância destes para o hipertexto, como também sua mobilidade estrutural e/ou semântica. Nessa ótica, pretendemos observar no *corpus* de análise como essas classificações influenciam nos processos de coesão e coerência, ou seja, como essas funções estruturais e também discursivas influem no papel dos *links* na construção do hipertexto.

4 O GÊNERO HIPERCONTO MULTISSEMIÓTICO³

4.1 Leitura e produção do gênero Hiperconto Multissemiótico

O HM pode ser considerado um gênero emergente no meio digital (MARCUSCHI, 2004), pois embora possua similares, porta características próprias que devem ser analisadas em particular. Destaca o autor a respeito destes gêneros ao mencionar que eles “são diversificados em seus formatos e possibilidades e dependem do software utilizado para sua produção” (MARCUSCHI, 2004, p.18). Ainda com relação os gêneros emergentes no meio virtual:

Uma das características centrais dos gêneros em ambientes virtuais é a alta interatividade, em muitos casos síncronos, embora escritos [...]. Tendo em vista a possibilidade cada vez mais comum de inserção de elementos visuais no texto (imagens, fotos) e sons (músicas, vozes) pode-se chegar a uma interação de imagem, voz, música e linguagem escrita numa integração de recursos semiológicos (MARCUSCHI, 2004, p.33).

Como já é percebido, o hiperconto deriva do gênero conto. Tradicionalmente, o conto é visto como uma narrativa de pouca extensão, em comparação a outras narrativas mais longas como novelas e romances. O conto tem origem na tradição oral, nos causos populares, e com o tempo começou a ser registrado de forma escrita. Apresenta, assim como as outras narrativas, cinco elementos constituintes e fundamentais: tempo, espaço, personagens, narrador e enredo. Diferentemente dos gêneros narrativos mais longos, as personagens têm suas ações centradas em espaços mais restritos (SOARES, 1993).

A literatura atual demanda do leitor novos parâmetros de leitura para as formas literárias e os novos gêneros que estão emergindo, destacando que é preciso que haja uma flexibilização quantos aos modos de ver e entender o que é produzido na contemporaneidade, desprendendo-se de olhares preconceituosos, olhares estes que ameaçam o processo de formação de leitura (SILVA, 2016).

Esse tipo de conto tem como um de seus propósitos, a divulgação da literatura digital, entendida como uma literatura que faz uso das potencialidades do ciberespaço no processo de criação de seus textos, sendo então, marcadamente interativa (MESTRE, 2017). Sobre o gênero enfocado, merece destaque a fala do pesquisador da literatura digital e escritor de Hipercontos:

Minha proposição inicial é que o hiperconto é uma versão do conto para a Era Digital [...] requer narratividade, intensidade, tensão, ocultamento, autoria. O texto, naturalmente, ainda deve ser o cerne do hiperconto,

³ HM.

preservando seu caráter literário, mas um bom hiperconto será capaz de aproveitar as ferramentas das novas tecnologias para potencializar a história que conta da mesma forma que os livros infanto-juvenis, por exemplo, têm se utilizado da ilustração (SPALDING, 2009 Disponível em http://www.artistasgauchos.com.br/_estudovermelho/ Acesso em 10 de outubro de 2017).

A respeito da estruturação do hiperconto, comenta o autor: “a fórmula utilizada para a confecção dos finais é a análise combinatória. Há 3 cenas em que o leitor interfere diretamente, escolhendo a direção que deseja tomar. Dependendo dessas escolhas, o final muda. Como foram 3 escolhas, há 8 finais possíveis. Se fossem 4 cenas, seriam 16 finais; se fossem 5, 32 finais” (SPALDING, 2009, Disponível em http://www.artistasgauchos.com.br/_estudovermelho/ Acesso em 10 de outubro de 2017).

A utilização de imagens, estáticas ou em movimento, o acréscimo de áudios, hiperlinks, garantindo a interatividade e a quebra ou não da linearidade, são algumas das possibilidades oferecidas pelo gênero. A escrita de um hiperconto exige algumas competências como: a inserção dos links, a utilização de diferentes linguagens (multisemiose), a integração de sons, vídeos e cores. Todos estes elementos precisam estar harmonicamente dispostos, de forma que o efeito dado após a colocação dos recursos seja visto e compreendido pelo leitor.

5 ANALISANDO O CORPUS

5.1 A coesão e a coerência no HM: “Um estudo em vermelho” (2009): implicações para a construção do sentido

Anteriormente descrito, o *corpus* escolhido para análise diz respeito ao HM produzido pelo professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Marcelo Spalding, “Um estudo em Vermelho”⁴ (2009) (figura 1). Sua produção foi consequência da eclosão do movimento liderado pelo professor em defesa da literatura digital⁵, a partir da apresentação de sua tese⁶, impulsionado também por suas inquietações no que concerne à escassez de bibliografia encontrada com relação ao assunto na *web*. Ademais, em defesa do trabalho com a literatura digital, diferenciando, pois, do livro digital *e-book*, escreveu juntamente com um grupo, um manifesto⁷ que lista dez premissas básicas e necessárias para o entendimento desta vertente literária.

Destacamos das dez premissas, três que acreditamos ser fundamentais para o desenrolar desta análise, são elas: a segunda, a terceira e a sexta premissa do manifesto. A segunda premissa menciona o fato de a literatura digital criar uma nova experiência de leitura para o usuário, a terceira, sob essa perspectiva, chama atenção para o fato de ela requisitar um novo tipo de texto, bem como um novo tipo de autor. A sexta focaliza a possibilidade de a literatura digital poder ser multimodal, hipertextual, colaborativa, sem que necessariamente sejam recursos utilizados concomitantemente.

Olhando para as premissas citadas e o Hiperconto destacado, percebemos que, de fato, consiste em uma obra de literatura digital. Ressaltamos aqui que embora nos interesse para esta análise a materialidade textual no que referencia à construção do hipertexto, é crucial que estabeleçamos um elo com as definições literárias para que, por sua vez, entendamos o processo de construção do gênero digital literário, aludindo para a forma como os fatores de textualidade se apresentam. Para fins classificatórios no que tange aos *links*, utilizaremos as classificações de Hissa (2009) e Gomes (2011) que os categorizam levando em consideração suas funções estruturantes e discursivas como

⁴ Destacamos que os prints que compõem o *corpus* de análise dizem respeito à produção do hiperconto pela autora do trabalho. Pelo seu caráter interativo, outros autores podem produzir percursos de leitura diferentes.

⁵ “Aquela obra literária feita especialmente para mídias digitais, impossível de ser publicada em papel, pois **utiliza ferramentas próprias das novas tecnologias**, como animações, multimídia, hipertexto, construção colaborativa”. Disponível em: <http://www.literaturadigital.com.br/>. Acesso em 25 de novembro de 2017.

⁶ Disponível em: <http://www.literaturadigital.com.br/tese/teseLiteraturaDigital.pdf>. Acesso em 25 de novembro de 2017.

⁷ Disponível em: <http://www.literaturadigital.com.br/?pg=25012>. Acesso em 25 de novembro de 2017.

resultado das funções que eles desempenham no hipertexto, desembocando em sua atuação como elementos coesivos.

Entendemos que o HM, por ser uma obra de literatura digital criada nos moldes mencionados é, inevitavelmente, um hipertexto, pois é construído a partir da interatividade entre o leitor e o texto digital, permitindo diferentes percursos de leitura, bem como a criação de novas histórias, mediante a escolha dos *links* clicados (ou não), proporcionando também o que é posto na primeira premissa que destacamos: a criação de uma nova experiência de leitura.

Baseado no método da análise combinatória, o HM escolhido para análise é construído a partir das interferências proporcionadas pelo autor durante sua leitura/escritura, fazendo, então, com o que o final possa ser mudado, de acordo com o que é visto na interface inicial (FIGURA 1) (destacado de verde). Podemos dizer que ele é estabelecido na e pela coautoria do material, ainda que não se tenha controle do conteúdo interno disponibilizado, mas a maneira com que se define a sequência dos tópicos, interligando o conteúdo a outro em diferentes ordens, define e, por vezes, altera o próprio contexto (Santaella *apud* SIGNORINI, 2008), o que justifica a segunda premissa destacada, no caso, um novo tipo de texto para um novo tipo de autor.

Ainda com relação à estruturação do hipertexto e, conseqüentemente da estruturação do gênero, temos que os hipertextos podem ser classificados em duas grandes categorias: abertos e fechados (GOMES, 2011). Os hipertextos abertos têm nos seus *links* a possibilidade de serem levados a servidores distintos e os fechados referem-se a conteúdos que se encontram armazenados numa única unidade de armazenamento. Podemos considerar este HM em específico como um *hipertexto misto*, pois os *links* dispostos não somente levam a lugares dentro do próprio documento, mas também a sites postos na *web*. Sua própria estruturação delinea o dinamismo do gênero, que ao mesmo tempo em que fornece uma história, conecta outros assuntos.

No que tange à estruturação do HM escolhido para a apreciação, este se estrutura em formato de *e-mail*, hibridizando⁸ o gênero. A construção do hiperconto pelo autor se dá nas respostas ao *e-mail* trocado com o personagem principal (Mr. Dupin). A trama versa na solução de um caso pelo detetive em questão, personagem principal da história

⁸ Admitimos para esta análise que o termo hibridismo refere-se à confluência de linguagens (verbal, visual, sonora, multimodal, entre outras) que se inter-relacionam, ou seja, que se cruzam para significar.

necessita colher informações da pessoa que solicitou seus serviços, no caso, o lautor, no intuito de solucionar o caso.

Há no gênero relações intertextuais bem delimitadas e possíveis de serem identificadas, não só pelo auxílio dos *links* em si, mas pela própria ideia no projeto de literatura digital pensada pelo autor, que se inspira no primeiro romance de Conan Doyle e no seu personagem mais famoso, o detetive Sherlock Homes, para arquitetar a narrativa digital. Os *links* em vermelho, sobrepostos uns aos outros (FIGURA 1) (destacados de cor azul), quando clicados, também propiciam tais relações intertextuais, tanto com sites como com textos acadêmicos e livros. As intencionalidades do autor bem como a aceitabilidade do lautor se demonstram na forma e disposição dos *links*, na capacidade de se construir colaborativamente a narrativa digital.

Quanto à estrutura e à flexibilidade de navegação do hipertexto, podemos caracterizá-lo em quatro tipos: sequencial, hierárquico, reticulado e em rede (GOMES, 2011). O modelo sequencial assemelha-se aos textos impressos por sua disposição linear, e, no máximo, bidirecional. No modelo hierárquico, temos uma entrada principal que dá acesso ao documento, e, através dela, temos acessos a outros documentos de forma hierárquica. O modelo reticulado permite maior liberdade, embora não integre todos os documentos, e, o mais idealizado entre os hipertextos, o modelo em rede, que é descentralizado e não é hierárquico, permitindo que todos os documentos possam ser acessados a partir de qualquer ponto.

Percebemos na classificação quanto à estrutura e flexibilidade, que é possível deprendermos o Hiperconto como sequencial, pois à medida que acontece a troca de e-mails, temos uma leitura linear, que depende prioritariamente das respostas conferidas pelo lautor, no caso o contratante dos serviços do detetive, e também como hierárquico, pois os *links* em vermelho (FIGURA 1) (destacados de azul) funcionam como entrada primeira e lá dão acesso a outros documentos, como já mencionado.

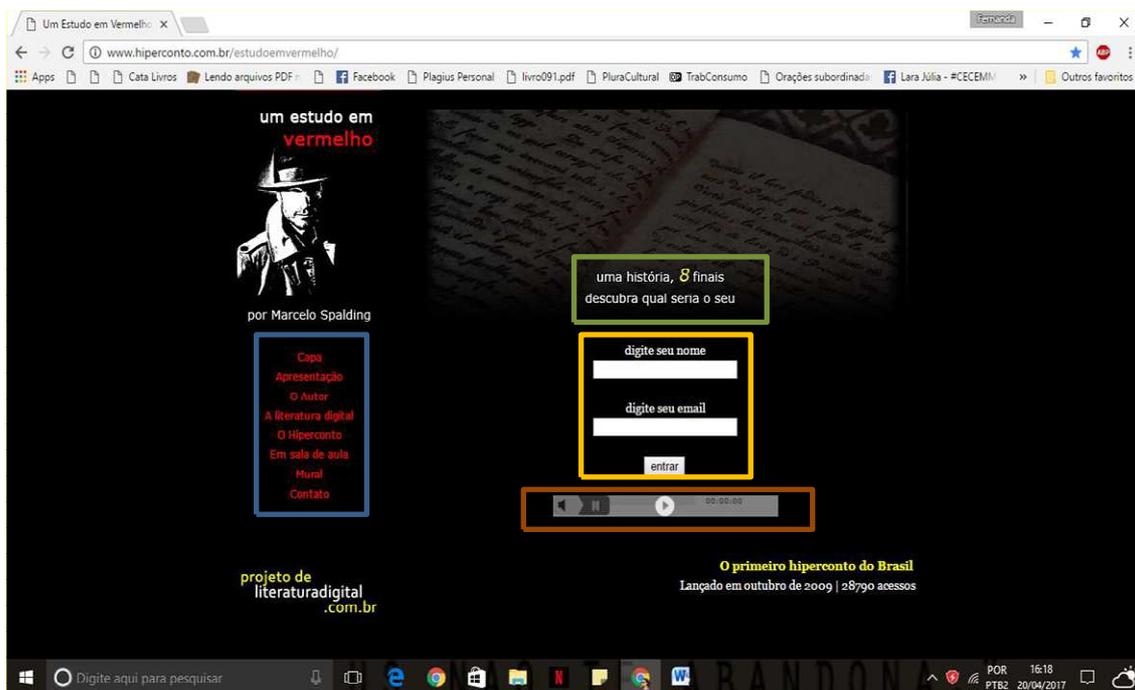


Figura 1: Interface inicial

Fonte: <http://www.hiperconto.com.br/estudoemvermelho/>
Acesso em 10 de outubro de 2017

Enveredando pelo viés classificatório proposto por Hissa (2009) e rearticulado por Gomes (2011), os *links* destacados em azul podem ser classificados como textuais, segundo a morfologia. *Links* dessa natureza podem vir sublinhados, com cores diferentes, também podendo variar conforme o tipo e o formato da letra, induzindo ao clique. Os *links* em vermelho levam o usuário a informações adicionais, como dados do autor, discussões sobre o conceito de literatura digital, sobre o próprio conceito de hiperconto, ampliando na própria narrativa os horizontes de leitura do lautor.

Olhando para sua atuação como elemento coesivo, dizemos que eles podem atuar como referenciais exofóricos (KOCH, 1990), por terem em seus textos *links* implicados, isto é, que aparecem como parte do texto ou da imagem, ficando embutidos no próprio texto, ainda que estes também sejam textuais, o coautor do texto interfere em sua construção mediante a escolha de um dos *links*. Cada *link* proporciona ao lautor um percurso de leitura e construção textual diferente, como por exemplo, o *link* “literatura digital” que apresenta dentro dele outro *link* que leva ao *site* do Movimento “Literatura Digital”.

Ainda seria possível dizermos que os *links* em destaque da cor azul estabelecem um processo de coesão sequencial, realizada pelos elementos conectivos capazes de estabelecer diversos tipos de relações semânticas (KOCH, 1990). Como enfatizado, o hipertexto se constrói a partir de escolhas, mesmo que reguladas, como no texto do

corpus de análise. Por outro lado, ainda se configuram como escolhas, pois a partir do clique ou até mesmo do não clique dos *links* implicados anteriormente mencionados, o percurso de leitura se diferenciara, se constituirá sempre outro para cada leitor, semelhante, em alguns momentos, ao que ocorre no texto impresso, pois não podemos perder de vista que o hiperconto também é linear:

Não podemos ignorar que na construção de textos impressos o autor busca orientar seu leitor virtual através de marcas explícitas de coesão e também através da determinação de uma certa seqüência de leitura, na qual os segmentos anteriores são um contexto pressuposto para as informações que seguem. Essa ordem é pressuposta mesmo quando o leitor opta por caminhos alternativos (lê a conclusão antes do início do texto, por exemplo) (BRAGA, 2005, p. 758).

Com relação à parte destacada em amarelo, ao digitar o nome e o *e-mail*, o leitor tem acesso ao hiperconto e também se torna coautor dele, tornando-se responsável pela produção da história. A palavra “entrar” também pode ser classificada como *link* textual, pelas questões já mencionadas. O clique no *link* “entrar” proporciona ao leitor adentrar no hiperconto e construí-lo. A própria localização do *link* o dá uma maior importância e o confere a ideia de continuidade (GOMES, 2011). Diferentemente dos *links* mencionados, este atua enquanto um elemento *endofórico de natureza catafórica*, porque vai antecipar um item que ainda não foi expresso no texto, no caso, a partir dele é que se iniciará a narrativa. Além do mais, a própria semântica do termo “entrar”, de certa forma, conflui para sua própria atuação.

O último *link* que destacamos nesta interface inicial, em que o autor denomina de capa do hiperconto é o destacado de laranja. Outro *link* textual, desta vez responsável pela integração de som à narrativa. Sua colocação na capa do hiperconto, na parte inferior do *design*, confere importância ao *link* e instiga a clicá-lo. O som promove a ambientação da história e, com isso, prepara o leitor para a narrativa que ele irá, posteriormente, ler e construir. Não percebemos sua atuação como elemento coesivo em si, embora seja parte importante para a criação de uma atmosfera contextual, por assim dizer.

Na interface inicial, também é possível enxergar a colocação de imagens que permanecerão por toda a narrativa, dispostas estrategicamente, pois a caricatura colocada para representar o personagem principal pode, da forma como disposta, representar não somente o Mr. Dupin, como o próprio Marcelo Spalding. Há também a imagem de um livro, que reforça uma das premissas do próprio manifesto que diz que

não é pretensão deste tipo de literatura abolir ao livro, e sim promover o diálogo entre a mídia impressa e a mídia digital.

O jogo de articulação da imagem propicia uma leitura multimodal, não só pela colocação do áudio, mas também pela integração da imagem, comprovando o destacado na sexta premissa. De acordo com a professora Denise Bertoli Braga, uma das dificuldades que recai na produção do hipertexto se dá justamente na capacidade de articular linguagens, propiciando essa integração multimodal e harmônica capaz de significar:

Outra dificuldade que se coloca para a produção de hipertextos é a integração de linguagens. Para que a comunicação seja eficiente, a junção das diferentes modalidades precisa ser feita de forma complementar e funcional. Embora a comunidade letrada esteja, em geral, acostumada a interpretar as imagens veiculadas por diferentes meios de comunicação, a interpretação dessas imagens é, muitas vezes, feita de forma não analisada e não crítica (BRAGA, 2005, p.758).

A interface dois, ou primeira página do hiperconto, associando a uma experiência de leitura em texto escrito impresso, traz o primeiro e-mail trocado entre o lator e o detetive. Percebemos a relação quase que totalitária, haja vista a supressão de alguns recursos como a inserção de emoticons, imagens, arquivos, com o gênero *e-mail*. Destinatário, assunto, corpo do texto e a palavra “enviar” permanecem na narrativa. Como enfatizado constantemente nesta análise, a possibilidade de escolher é o que rege a produção dessa narrativa. Tal lógica também é válida para o conteúdo regulado pré-estabelecido. Assim, para o autor do hiperconto, não há a necessidade dos recursos suprimidos anteriormente citados, bastando apenas os dispostos para atingir seus objetivos.

Ao lermos o enredo, vemos que ao lator é conferida a condição de personagem da história, em um contexto previamente delimitado: o desaparecimento de sua irmã. A nova experiência de leitura dada ao lator, não recai somente na capacidade dele interagir na narrativa através de sua coprodução, mas também ocorre por meio da delegação de outros papéis, nesse *e-mail* especificadamente o papel de personagem secundário, mas responsável pelo desenrolar da narrativa, o que, nesse contexto, convida-o a interagir. Essa nova experiência de lescritura⁹ se dá também a partir do contato dele com a manipulação e adaptação com o metamorfoseamento dos gêneros

⁹ Neologismo criado pela autora do trabalho para explicitar o processo em questão.

pela narrativa digital, no caso, o rearranjo do gênero e-mail para o atendimento das necessidades do hiperconto.

Centrando na disposição geral da interface evidenciada, destacamos que os *links* em vermelho e o *link* referente ao projeto de literatura digital permanecem. Podemos entender a sua fixidez se os identificarmos também como *links* de expansão, pelo seu caráter sumarizador. Mas também é possível dizermos que ao mesmo tempo em que assumem as funções que já foram destacadas, podem também ser considerados *links* de referência, por levarem a outras páginas ou seções da mesma página. A fixidez desses *links* por toda a narrativa pode ser justificada pela própria característica do hipertexto, a de idas e vindas, tomadas e retomadas.



Figura 2: Interface dois

Fonte: <http://www.hiperconto.com.br/estudoemvermelho/>
Acesso em 10 de outubro de 2017

Com relação ao *link* “enviar”, além de textual é também superposto. Os *links* superpostos por estarem de forma explícita na página, muito pelo seu caráter textual, são convidativos e pressupõem necessariamente o seu clique. A estrutura enredística dada pelo texto necessita que o *link* seja clicado, não só pela estruturação em forma de *e-mail*, que requer o envio e, conseqüentemente, resposta, mas pela própria demanda colocada pela história: urgência em resolver o desaparecimento da irmã do autor.

Coesivamente, podemos atribuí-lo a função referencial endofórica de caráter catafórico. Além da coesão referencial ele também estabelece o processo de coesão

sequencial por conferir progressão temática ao texto. Os *links* que aludem à troca de respostas entre os personagens podem ser considerados dêiticos, pois convidam o leitor a um movimento de projeção (Xavier *apud* KOCH, 2007), que pode ser realizado também pelo acionamento dos seus esquemas interpretativos, já que sabemos que os *links* fazem mais do que conectar documentos ou continuar textos, eles acionam esquemas interpretativos antes mesmo de que o novo documento esteja aberto, por meio do direcionamento conferido pelo *link*, como na disposição da interface três (FIGURA 3), nos *links* destacados em azul:

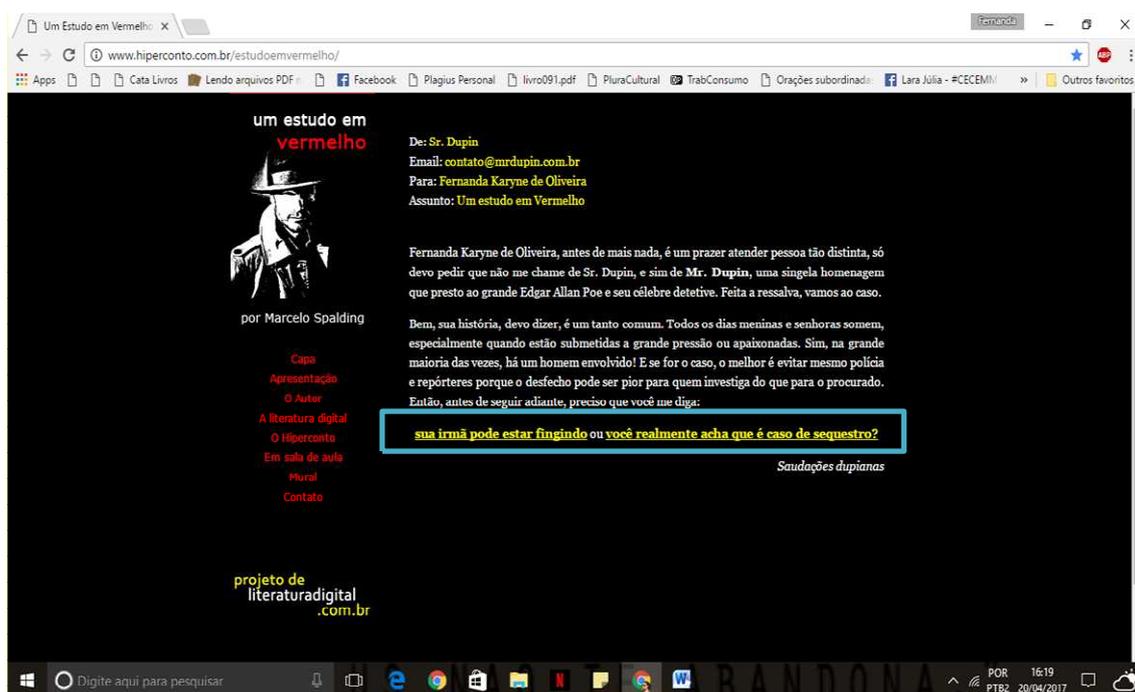


Figura 3: Interface três

Fonte: <http://www.hiperconto.com.br/estudoemvermelho/>
Acesso em 10 de outubro de 2017

A resposta de Mr. Dupin ao *e-mail* enviado pelo leitor, que no texto pede explicitadamente que se refira a ele de outro modo, fazendo menção a outra relação textual marcadamente explícita, no caso, o diálogo com as obras do escritor norte-americano Edgar Allan Poe, necessita pela primeira vez de uma intervenção mais incisiva, por assim dizer. Para que o *e-mail* seja respondido, é necessário que o leitor coloque mais veementemente sua impressão sobre o caso. As duas possíveis respostas mediatizadas em forma de *links* dão cada uma um rumo diferente a história. Por isso que cada narrativa construída é diferente, pois as escolhas dependerão de cada leitor que construí-las. A respeito desse processo de escolhas, comenta o autor do hiperconto:

Vale lembrar que há autoria na escolha dos finais e sua relação com o caminho percorrido, não sendo os finais de forma alguma aleatórios.

Por exemplo, se o leitor foi sempre intempestivo nas suas escolhas, acabará com um final violento, talvez até morrendo. Há uma relação lógica e de valores expressa nisso, daí a importância da autoria na montagem desses finais. Outro autor possivelmente faria outros finais com as mesmas combinações (SPALDING, 2009, disponível em http://www.artistasgauchos.com.br/_estudovermelho/. Acesso em 20 de novembro de 2017).

Os dois *links* em destaque são também textuais e superpostos, pelas mesmas características explicitadas nos itens anteriores. Vale ressaltar que os *links* não foram dispostos de forma aleatória, prova disto é que as possíveis respostas a serem dadas assumem o valor discursivo do *link* “enviar”, que apareceu nos *e-mails* anteriores. A experiência de imersão de leitura, bem como de escrita, se dá justamente pela importância da escolha, que legitima o processo de autoria do hiperconto e fundamenta o conceito de coprodução. Os *links* em destaque não só induzem ao clique, como restringem, no sentido de direcionar a produção e a leitura do hiperconto.

A escolha (ou não escolha) do *link* aprofunda o processo imersivo e demanda o acionamento de esquemas de leitura. A escolha é influenciada de acordo com os conhecimentos de mundo e a bagagem de leitura de cada um, bem como de suas preferências em relação à leitura. É importante não perdermos de vista que a colocação dos *links* tem haver com a ordem semântico-discursiva conferida pelo autor ao texto, o que justifica a colocação de dois *links* para uma posterior resposta, atentando para o fato que “é necessário pensar em sua estrutura, em como os diversos textos serão interconectados, pois essa indecisão influenciará na forma de busca e de recuperação de informações e afetará grandemente os percursos de leitura possíveis e a construção de sentidos” (GOMES, 2011, p.45).

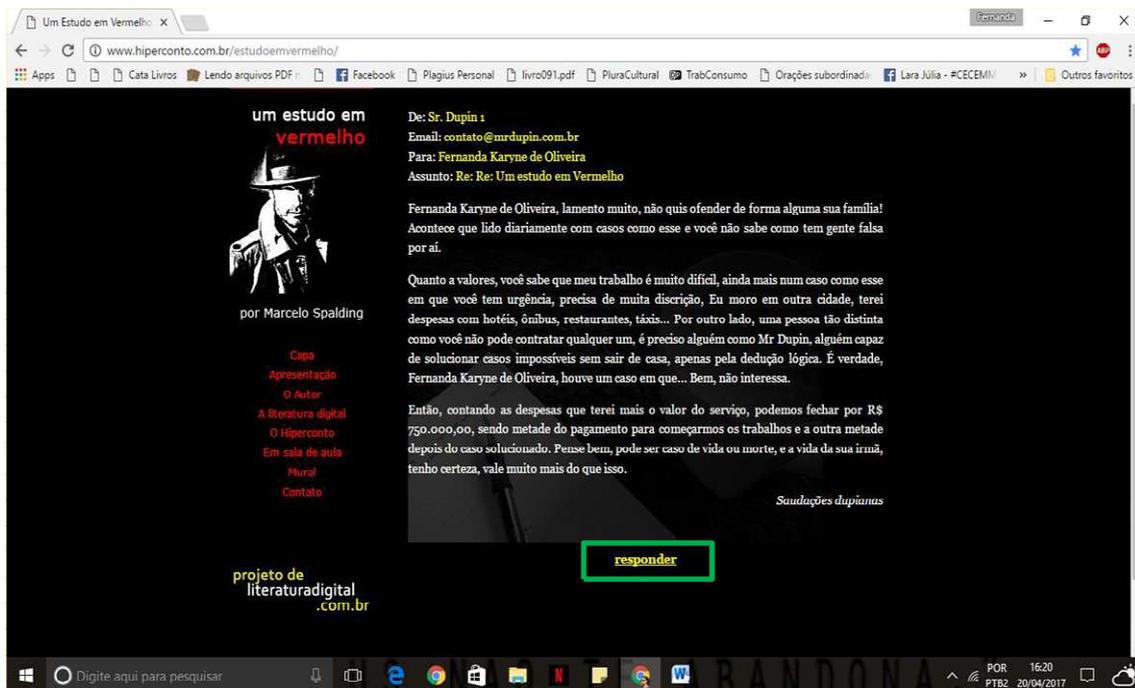


Figura 4: Interface quatro

Fonte: <http://www.hiperconto.com.br/estudoemvermelho/>
Acesso em 10 de outubro de 2017

A resposta que figura na interface quatro (FIGURA 4) se deu devido à escolha da segunda opção. O *e-mail* abre-se como uma espécie de justificativa do autor por ter colocado a primeira opção para ser escolhida. Vislumbrando essas nuances, apreendemos que a interatividade não se dá somente pelos *links*, mas também pela forma como a história é articulada. Quanto ao *link* “responder” (destacado de verde), ele também pode ser classificado como textual e superposto. Apresenta também natureza endofórica de caráter catafórico.

Reforçando o caráter interativo e dinâmico do hiperconto, temos a interface cinco, que intima de imediato a escolha de um dos e-mails como resposta mediante a seguinte afirmação “escolha sua resposta”. Um leitor menos aguerrido optaria pela primeira resposta, diferentemente de um leitor audacioso que escolheria prontamente a segunda opção.

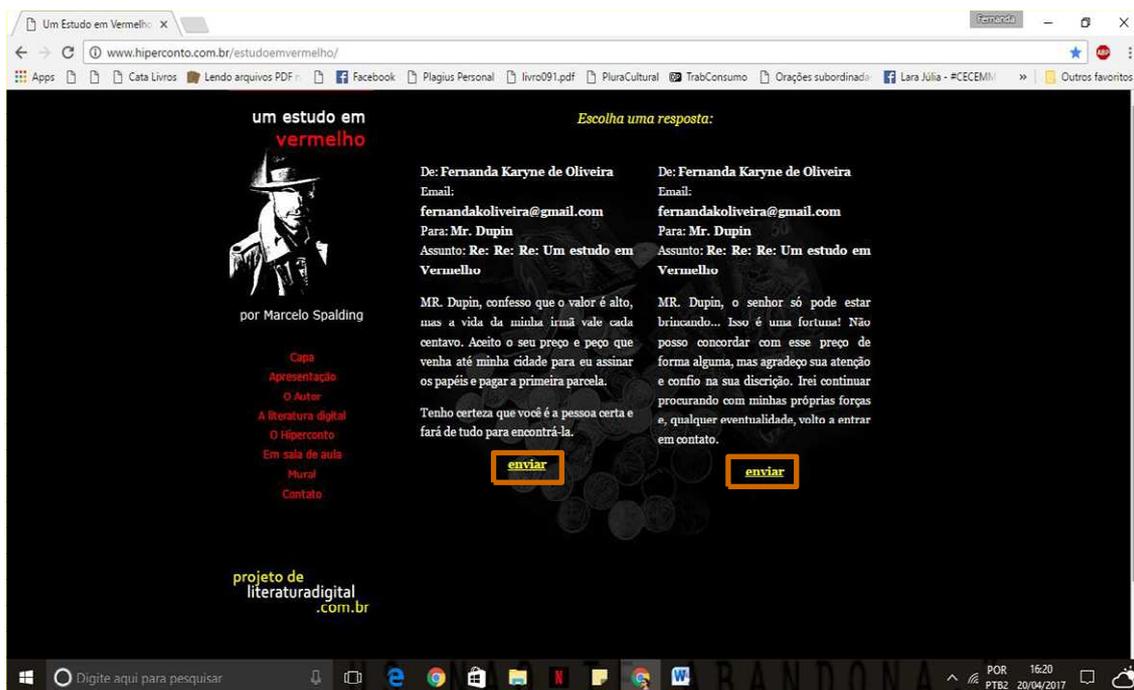


Figura 5: Interface cinco

Fonte: <http://www.hiperconto.com.br/estudoemvermelho/>
Acesso em 10 de outubro de 2017

Como pujante nesta análise, as escolhas, ainda que reguladas, são as responsáveis pelos percursos de leitura, uma construção altere multilinear, marcada por fragmentações, descorpórea e volátil, mas marcadas pelo exercício dos saberes:

No hipertexto – como, aliás em todos os demais usos da linguagem – há sempre a consideração do outro, mas nele ela é levada às últimas conseqüências. Ainda que a única tarefa do autor fosse a marcação dos *links*, ele teria sempre em seu horizonte a projeção da imagem do leitor. E este será sempre co-autor, já que o acabamento do (hiper)texto não pode prescindir de sua participação. Trata-se, no caso, de uma alteridade multilinearizada, fragmentada, descorporalizada, volatilizada, mas fundada em nossos saberes, nossas relações com o mundo e nossa inserção em dada cultura (KOCH, 2007, p. 35).

Com relação à interface seis, ela foi gerada a partir da escolha do primeiro *link* da interface cinco. Possivelmente, a escolha do outro *link* ofereceria outro percurso de leitura. O *link* destacado na interface corresponde ao próprio corpo do texto e, automaticamente, a um ícone responsável por enviar a mensagem. A hibridez da narrativa a confere e porque não dizer, autoriza realizar tais reformulações, contudo, sem perder de vista seu propósito: a solução do caso pelo detetive inspirado na obra de Poe e Doyle. Tal proposição justifica sua natureza textual e implicada, como também seu caráter referencial endofórico de natureza catafórica.

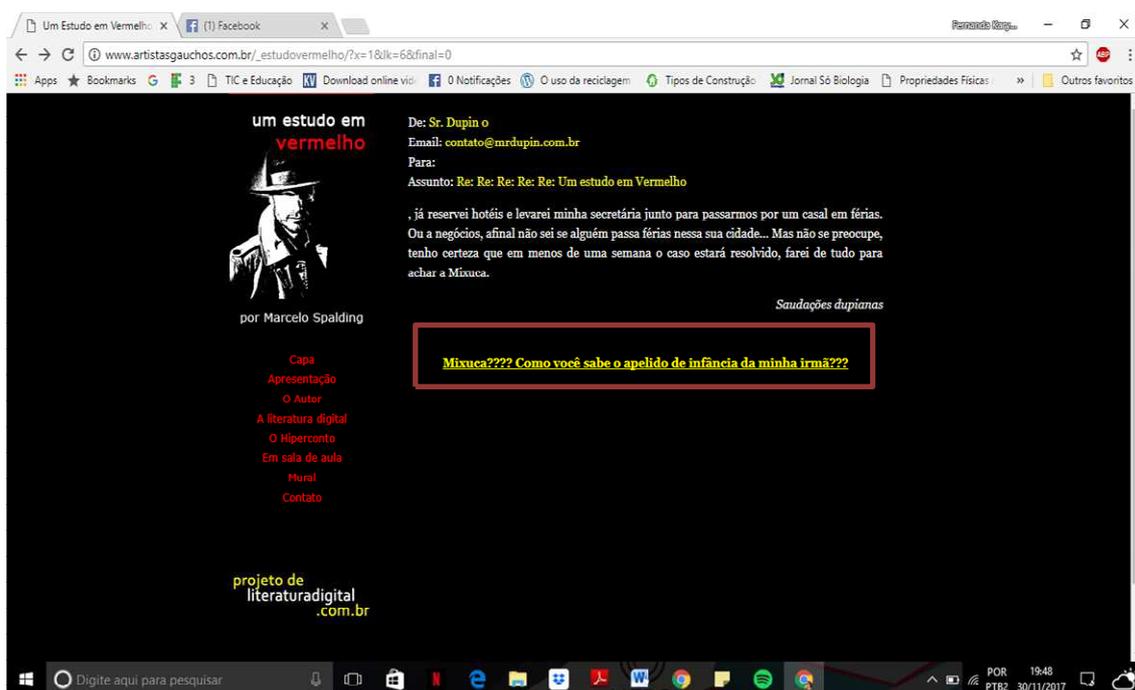


Figura 6: Interface seis

Fonte: <http://www.hiperconto.com.br/estudoemvermelho/>
Acesso em 10 de outubro de 2017

A interface sete (FIGURA 7) possui algumas peculiaridades no que é referente às informações que compõem o corpo dos textos dos *e-mails* das respostas e também em sua própria disposição. Esta interface começa de forma diferente: o texto destacado de amarelo refere-se ao lautor, aqui em específico, ao personagem secundário, direcionando, pois, a resposta a ser dada, a mudança ou continuidade em seu percurso de leitura:

Há que se considerar também que, ao contrário do que ocorre na leitura de textos impressos, cabe ao hiperleitor escolher caminhos de leitura e construir a coesão entre as diferentes informações acessadas. Como faz uma criança ao montar diferentes figuras a partir de peças isoladas de jogos como o *Lego*, por exemplo, cabe ao hiperleitor juntar e relacionar de forma ativa os diferentes segmentos textuais lidos, de modo a construir um todo coeso que lhe faça sentido (BRAGA, 2005, p. 759).

Aqui nesta narrativa é possível considerarmos legos¹⁰ não só os *links* que vão sendo juntados e conferindo coesão ao que está sendo lido, mas também os próprios elementos contextuais subsidiados por eles, ou seja, as informações que eles vão dispondo. Os dois contextos apresentados na narrativa para a escolha são cruciais para

¹⁰ Metáfora alusiva ao processo construção do hipertexto.

seu final. Podemos dizer então que sejam os *links* com maior poder de decisão. O primeiro contexto apresentando mostra o lautor desconfiado do envolvimento do detetive no desaparecimento da irmã e para isso convoca a polícia para investigar.

A resposta do segundo contexto é diferente: o personagem secundário convoca outro personagem, Big, para ir com ele interrogar o detetive, sem a ajuda da polícia. Os dois direcionamentos conferem caminhos distintos a narrativa, haja vista seus teores: um comedido e outro audacioso. Percebemos, desta forma, que as escolhas sempre giram em torno destes universos contextuais, com o objetivo de satisfazerem diferentes tipos de leitores. Os *links* em verde mantêm as mesmas classificações já reiteradas.



Figura 7: Interface sete

Fonte: <http://www.hiperconto.com.br/estudoemvermelho/>
Acesso em 10 de outubro de 2017

Por fim, a última interface (FIGURA 8) mostra o desfecho da história. Nesse caso, a história teve final 5, mas ela poderia ter tido outros finais devido ao método de utilização de construção da narrativa: a análise combinatória (SPALDING, 2009). No final 5, o lautor morre devido as escolhas dos *links* anteriormente realizadas. Os quatro *links* destacados de vermelho na interface assumem papéis diferentes.

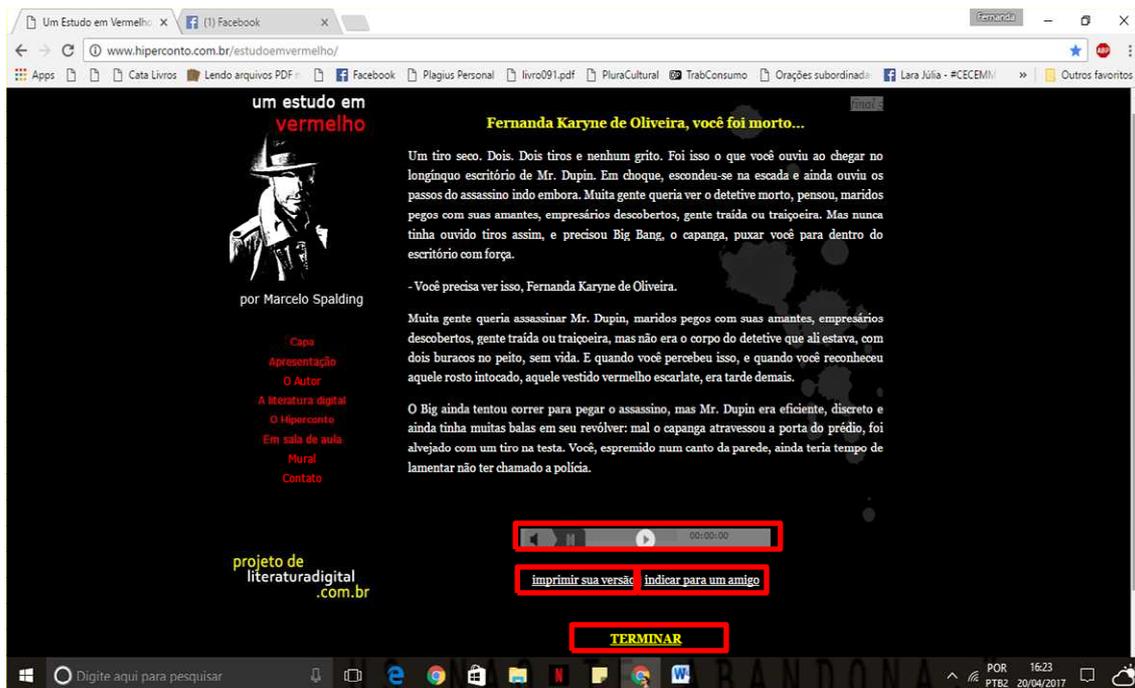


Figura 8: Interface oito

Fonte: <http://www.hiperconto.com.br/estudoemvermelho/>
Acesso em 10 de outubro de 2017

O *link* que integra mais uma vez sonoridade a narrativa, tenta exprimir a cena final através de uma experiência sonora, por conseguinte, multimodal. Já o *link* intitulado “imprima sua versão” leva o usuário à outra janela fora do documento, mostrando o conto com outra formatação, mais próxima do impresso, como se cada interface correspondesse a um capítulo. O outro *link* “indique para um amigo” também abre uma janela, mas dessa vez para uma caixa que permite enviar um e-mail denominado de “formulário”, propiciando não só uma leitura colaborativa como também a divulgação da literatura digital. O último *link* a ser analisado neste trabalho é o *link* “terminar” que tem a função de redirecionar o leitor para o mural, o local onde o autor pode comentar como foi sua experiência de leitura e o que ele achou do hiperconto, como também ler as experiências de outros autores que também realizaram o processo.

Quanto a suas classificações, o *link* que atribui sonoridade pode ser considerado como um *link* gráfico por ser uma semiose que não corresponde a uma forma nominal. Os *links* dispostos abaixo da integração de som a narrativa podem ser classificados como *links* externos, pois levam para outras janelas fora do documento, já o último *link* pode ser considerado superposto. Enquanto o link de som e o link “terminar” são referenciais endofórico de natureza catafórica, os *links* “indicar para um amigo” e

“imprima sua versão”, são referenciais exofóricos de natureza anafórica porque vão fazer referência a um elemento que está dentro do texto, no caso, o próprio hiperconto.

Depois de demonstrado como se manifesta o processo de coesão, passemos então a construção do processo de coerência. Percebemos a importância do leitor no hipertexto, que aqui estamos considerando como leitor, segundo os pressupostos de Rojo (2013), pois ele é o responsável pelos movimentos que constroem o sentido, entretanto, isso não é uma tarefa somente do leitor, já que a coerência não é uma propriedade estrutural do texto, mas uma operação dada em uma perspectiva interativa.

Para garantir o processo de construção de coerência no hipertexto, é importante que o produtor considere quais os conhecimentos necessários para a compreensão dos outros tópicos, isto é, aqueles módulos de que o leitor necessita para compreender o módulo em tela, estes oferecidos pelos *links*. Para Koch (1990), a coerência é o resultado da atualização de significados que configuram os sentidos. A cada link clicado, escolhido ou não escolhido, um sentido era atualizado, cada e-mail consistia em uma peça para a construção do todo.

Embora seja um hipertexto linear, “Um estudo em vermelho” (2009) mostra que o processo de coerência se dá a partir da interatividade oferecida pelo gênero. Mesmo que seja um texto regulado, são as escolhas do leitor que a estabelecem. Vale ressaltar também que a constante troca e os diferentes papéis assumidos pelo leitor não afetaram o processo de coerência, ao contrário, deixaram a narrativa mais interativa e convidativa a leitura.

Cabe destacar, por fim, o papel dos *links* na construção do processo de coerência. Muito mais que ícones para navegação, demonstraram-se como os atualizadores de sentido das interfaces, portanto, responsáveis diretos pela instauração da coerência no hipertexto. Ir para um *link* externo, voltar à narrativa e, ainda assim, conseguir estabelecer um sentido de forma coerente foi possível graças ao mapa de conexões propostos pelos *links*.

6 CONCLUSÃO

Cada vez mais as pessoas estão se conectando utilizando as TDIC's, sobretudo com as tecnologias móveis, como celulares, notebooks, tablets entre outros dispositivos que permitem a conexão durante todo o dia. Em tempos de *web 2.0*, todos os usuários também têm a oportunidade de serem produtores e são, haja vista a quantidade de conteúdo compartilhado na rede através das redes sociais, *sites*, *web pages*, entre outros. Este contexto produtivo favorecido pela sociedade marcada por prefixos (hiper, multi, pluri, entre outros) favoreceram o metamorfoseamento da produção escrita e do ato da leitura, tornando-os também prefixais.

A incorporação de semioses, a interatividade e a colaboratividade são marcas que delineiam a (re)configuração desses processos. O acréscimo de ícones, símbolos, *gifs* e *links* ajudaram no processo de legitimação desta mudança, contribuindo, inclusive no surgimento de novos gêneros digitais e também nas mudanças dos papéis assumidos pelos sujeitos sociais, que além de leitores e escritores, tornam-se lautores, já que realizam simultaneamente os processos de leitura e escrita.

As novas formas de ler e escrever hoje são acompanhadas das novas formas de ver e entender o mundo, de novas práticas e de letramentos exercidos no ciberespaço e por ele possibilitados. Desta maneira, dizemos que as tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDIC's) constituíram novas de formas de ler e escrever utilizando interfaces novas como o teclado e monitor, os navegadores específicos para leitura, os editores de textos, dentre outros, que nos apresentaram outras formas de construção de sentido.

Nesse sentido, estudamos o gênero da literatura digital Hiperconto Multissemiótico intitulado “Um Estudo em Vermelho” (2009), de Marcelo Spalding. Percebemos que além de uma obra digital, pois utiliza recursos multimidiáticos para potencializar o texto, é também um hipertexto por se construir a partir de “maneiras alternativas [...] que ajuda a contornar as dificuldades impostas à leitura do texto na tela e também a explorar os recursos oferecidos pelo meio digital, como os *links* e a inserção de imagens” (GOMES, 2011, p.45). Além disto, também pode ser considerado um gênero emergente da tecnologia digital (MARCUSCHI, 2004), por possuir similaridades com o texto impresso, no caso, o gênero conto.

De acordo com os objetivos propostos, com relação ao papel e à atuação dos *links* no Hiperconto, percebemos que, em sua maioria, atuam como elementos coesivos,

configurando-se como estabelecadores tanto do processo de coesão referencial quanto do processo de coesão sequencial (KOCH, 1991), por considerarmos que os fatores acima mencionados, assim como os processos de leitura e escrita que se metamorfoseiam, a eles são conferidos novas roupagens, muito pelo local em que estão alocados: o ciberespaço. Também depreendemos que suas funções estruturais e discursivas influem diretamente para sua atuação como elementos coesivos, haja vista que a quantidade, a saliência, o local em que estão inseridos, influenciam na construção do sentido (GOMES, 2007).

Quanto ao papel do leitor para o estabelecimento do processo de coerência, apreendemos que por ser o hipertexto um lugar de coprodução de sentidos, o leitor, aqui leitor, por desempenhar os processos de leitura e escrita simultaneamente, tem um papel crucial na junção dos legos (*links*) para a construção do brinquedo, metaforicamente fazendo referência ao processo de construção do hiperconto, sem perder de vista que a interpretação de construções hipermodais exige que as informações veiculadas pelas diferentes modalidades sejam integradas de forma a auxiliar a interpretação de segmentos particulares ou a construção de um sentido global (BRAGA, 2005). Temos então um leitor diferente, que é responsável por construir seu percurso na rede, devido ao caráter interativo e colaborativo do gênero da literatura digital.

Em tempo, vimos que um trabalho desta natureza, abre espaço para que sejam pensados novos caminhos para o trabalho com a leitura e com a escrita, mediado pelos novos gêneros e por todas as potencialidades oferecidas pelo ciberespaço, já que sabemos que para transitar neste meio, as capacidades e competências de leitura e produção não podem ser as mesmas (ROJO, 2013).

7 REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vechchi; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BRAGA, D.B. Hipertexto: questões de produção e leitura. **ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**. São Paulo: Editoração Eletrônica: Mara L. F. Andrade e Claudia R. F. Andrade Aguiar, v. 34, 2005. Anual, p. 756-761.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2011.

COSTA VAL, M.G. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GOMES, L.F. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Hipertextos multimodais**: o percurso de apropriação de uma modalidade com fins pedagógicos. 2007. 212 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

HISSA, D. **Uma proposta de classificação dos links hipertextuais a partir de critérios navegacionais e informacionais**. In: III Congresso Nacional sobre Hipertexto. Belo Horizonte – MG, 2009.

KOCH, I. V. **Desvendando os Segredos do Texto**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Coesão Textual**. São Paulo: Contexto, 1990.

_____. **Hipertexto e construção do sentido**. Alfa, São Paulo, 51 (1): 22-38, 2007.

KOCH, I.V; TRAVAGLIA, L.C. **Texto e coerência**. São Paulo: Contexto, 1993.

MARCUSCHI, L.A; XAVIER, A.C.S. **Hipertextos e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro. Lucerna, 2004.

MESTRE, A.I.B. **Literatura 2.0**: para uma cartografia da narrativa digital. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação, Cultura e Artes, Universidade do Algarve, Algarve, 2017.

NORJOSA, U.N. Da rigidez do texto à fluidez do hipertexto. In.: FERRARI, P. (org.). **Hipertexto hipermídia**: as novas ferramentas de comunicação digital. São Paulo: Contexto, 2012.

RIBEIRO, A.E. Leitura, escrita e tecnologia: questões, relações e provocações. In.: COSCARELLI, C.V. (org). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola, 2016.

ROJO, R. et al (Org.). **Escola Conectada: os multiletramentos e as TICS**. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTAELLA, L. O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia. In: **[Re]discutir texto, gênero e discurso**. SIGNORINI, I. (org). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SILVA, A.P.D. **Aspectos do conto e do romance da atualidade**: problemas de ordem teórico-conceitual. In: SILVA, A.P.D. (Org.). O conto e o romance contemporâneo na perspectiva das literaturas pós-autônomas. Campina Grande: Eduepb, 2016.

SOARES, A. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 1993.

SPALDING, M. **Um Estudo em Vermelho**. Disponível em <
<http://www.hiperconto.com.br/estudoemvermelho/>> Acesso em 10 de outubro de 2017.

STORRER, A. Kohärenz in Hypertexten. Zeitschrift für germanistische Linguistik, v.31, n.2, p. 274-292, 2003. In.: KOCH, I.V. **Hipertexto e construção do sentido**. Alfa, São Paulo, 51 (1): 22-38, 2007.

XAVIER, A. C. **Leitura, texto e Hipertexto**. In: MARCUSCHI, L. A; XAVIER, A. C.S. Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro. Lucerna, 2004.